DA ESTÉTICA AO BORDERÔ

No apogeu do cinema novo, havia alguma arte e muita pobreza: seguia-se uma "estética da fome". Hoje, os novos filmes dão grandes lucros. Sobrou lugar para a arte?

Cinco anos atrás, não passaria de uma aspiração absolutamente irrealizável — e até os mais otimistas reconheciam isso. Eis que chega abril de 1978 e uma surpresa: não é que de uma hora para outra a maioria dos cinemas do Rio de Janeiro e de São Paulo está sendo ocupada por filmes nacionais? Se essa mudança tão substancial no panorama cinamatográfico será permanente ou apenas um fenômeno passageiro, ninguém pode prever. Mas é certo que a decidida entrada em cartaz de tantos filmes brasileiros num curto espaço de tempo significou um fato novo para cineastas, crítica especializada e, principalmente, para o público. Quanto a este, a resposta não poderia ter sido mais favorável: quase todos os cinemas com filmes nacionais alcançam rendas acima da média habitual, puxando a fila "A Dama do Lotação", que, lançado a 17 de abril, a 15 de maio já arrecadara 48 milhões de cruzeiros — de longe o verdadeiro campeão de audiência no país.

Esta conquista de mercado, tão longamente suada há mais de uma década, é certamente motivo de júbilo mas também de reflexões. Os novos filmes brasileiros trazem alguma contribuição cultural ao país, se é que pretendem isso? Serão apenas o similar nacional das centenas de mediocridades importadas todos os anos? É necessariamente correta a política de financiamento e comercialização da Embrafilme, hoje o grande Mecenas escorado no governo federal? E mais: o que os cineastas brasileiros estão querendo dizer às platéias que cada vez mais os prestigiam?

COPACABANA FILMES

De "Deus e o Diabo" de 1964 . . .

EMBRAFILME

. . .à "Dama" de hoje: os filmes perderam conteúdo?

Os tempos da fome — Essas questões recebem algumas luzes quando se confrontam o que ocorreu na prosa dos cineastas brasileiros desde a posse de Roberto Farias na Embrafilme, em 1974, o ano zero dos novos tempos. Antes, todo filme brasileiro com pretensão a algo mais que faturar vinha sempre acompanhado de uma declaração de princípios, ou "explicação", sobre sua postura estética ou ideológica. Incansáveis e generosos entrevistados, nossos cineastas continuam fornecendo interpretações às suas obras mas a linguagem é outra. Fala-se em custos de produção, financiamento, domínio do mercado, ação deletéria das multinacionais, obrigatoriedade de exibição — 84 dias por ano ou 112 ou 133, ou . . . ? —, mas muito pouco se ouve ou se lê sobre o eventual conteúdo dos filmes. Em 1965, durante a Resenha do Cinema Latino-Americano em Gênova, Glauber Rocha apresentou uma tese, depois fartamente publicada e discutida, com o sintomático título "Uma Estética da Fome".

Ao colocar como característica essencial do "cinema novo" de então seu alto nível de compromisso com a verdade, seu "miserabilismo", Glauber — na época já um cineasta de prestígio internacional graças a seu "Deus e o Diabo na Terra do Sol" — ressaltava: "Sabemos nós,

cont. na pág. 76

ROBERTO COSULICH

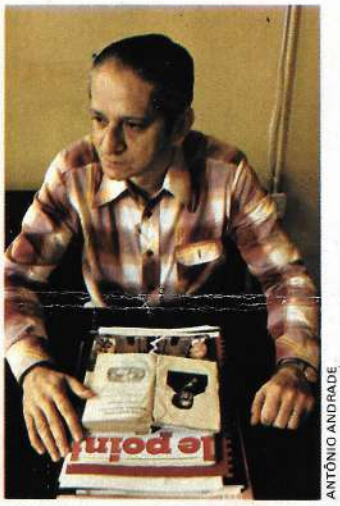
PETER PETROVICH

Cosulich: o que se faz para ganhar a vida

modelo fotografá-la nua em plena Basílica de São Pedro, no Vaticano. Vestida apenas com um casaco, sem nada por baixo, a moça pôde entrar na basílica. Diante do altar, a modelo abriu o casaco — havia pouco movimento — e Cosulich disparou sua máquina. O resultado saiu na capa da revista *Re-Nudo* da Itália e em *Libération* e *Oui* da França. O Vaticano nada comentou e Cosulich ainda não ficou rico.

O elenco da novela da TV Globo "O Astro", de Janet Clair, foi homenageado com uma festa pelo cônsul do Egito no Rio de Janeiro, **Nabil Bald.** Isso porque a novela apresenta uma família árabe fictícia, os Hayala, e o cônsul egípcio a considera prova de "entendimento e compreensão diante dos esforços do governo egípcio em manter a paz no Oriente Médio e assegurar aos palestinos o direito à autodeterminação". Na verdade, a novela não trata desses problemas: o chefe da família, interpretado por **Dionísio de Azevedo,** que compareceu à festa, foi assassinado não se sabe por quem e há casos de chantagem na família.

A vida de um aventureiro mulato baiano, **Caetano Lopes de Moura,** nascido em 1780 e formado em Medicina, foi pesquisada pelo professor de Língua e Literatura Francesa **Cláudio Veiga,** anos, diretor do Instituto de Letras da Universidade da Bahia. Veiga achou num sebo em Paris uma obra do escritor francês Chateaubriand traduzida por Moura, que é nome de rua em Salvador. A partir daí começou a pesquisa, que revelou ter Moura aderido ao Exército de Napoleão quando da invasão de Portugal, em 1808, ocasião em que a família real portuguesa veio ao Brasil. Autor de traduções ainda do escritor francês La Rochefoucauld e do britânico Walter Scott, Moura, que teve três mulheres e escreveu um tratado sobre doenças venéreas, está enterrado em Paris. Veiga está com a biografia pronta para ser editada pela Companhia Editora Nacional, na "Coleção Brasiliana", desde 1975: o livro não saiu até agora por dificuldades financeiras da editora. Ele conta também que Moura foi espião, encarregado em 1824 de visitar Lisboa para verificar se Portugal preparava uma armada para invadir o Brasil.

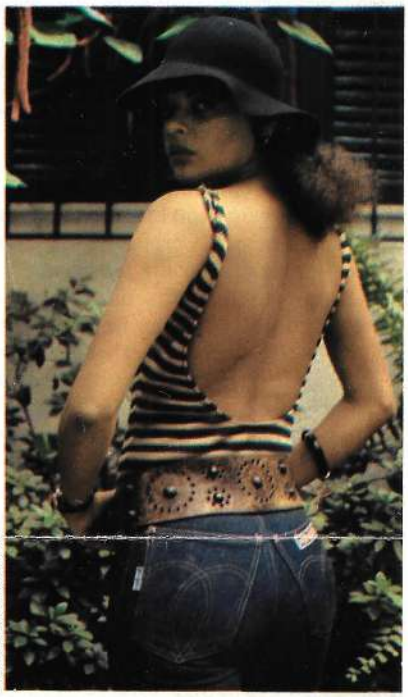


ANTÔNIO ANDRADE

Veiga: a vida de Moura

O cantor pop americano **Rod Stewart** em seu próximo LP vai incluir uma versão roqueira em inglês do samba-enredo da Portela deste ano, "Mulher à Brasileira", de Evaldo Gouvea e Jair Amorim. Há duas semanas, Stewart telefonou de Los Angeles para a casa do gerente geral da gravadora Wea-Warner do Brasil, André Midani, no Rio de Janeiro, e apresentou a versão, que contém uma fita playback com o ritmo da bateria gravado pelo cantor no último carnaval. Calcula-se que Gouvea e Amorim vão ganhar bom dinheiro em direitos autorais, pois Rod Stewart nunca vende menos de 1 milhão de exemplares dos seus LPs.

Gatinha de praia, a carioca **Thereza Cristina Duarte,** 16 anos, filha da empresária de Martinho da Vila e Raul Seixas, teve seu traseiro escolhido para as fotos do lançamento das roupas esporte MacKeen no Brasil e também na Europa. Diz Thereza Cristina: "Se a fama da calça era exatamente a de fazer traseiros bonitos, nada mais acertado que escolher uma moça brasileira para a foto". Ela abandonou a escola, passou algum tempo vagabundeando em grupos de adolescentes, curtiu surfe e viajou. Pergunta: "O que vale mais, ir ao nordeste e voltar quando quiser ou oito anos sentada num banco, ouvindo o ditado do professor?"

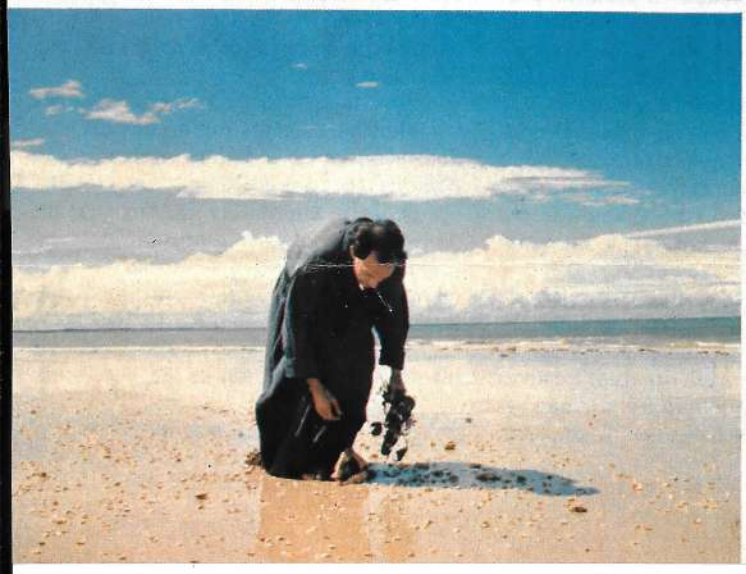


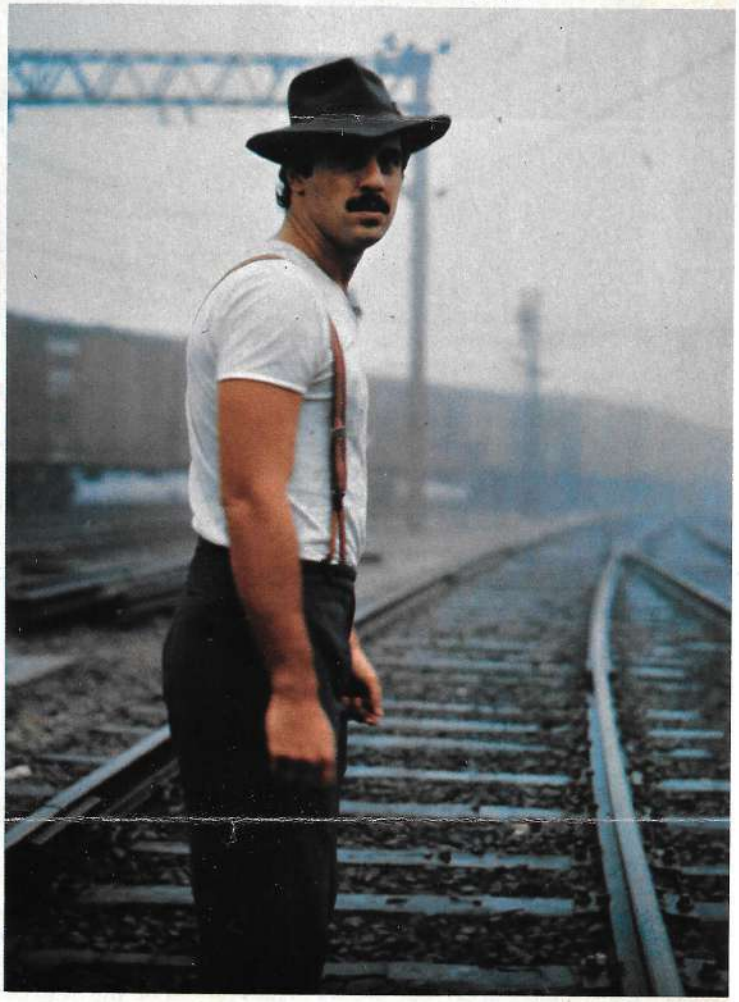
LUIZ PAULO MACHADO

Thereza: "escolha certa"

FOTOS EMBRAFILME

Alguns momentos da variada produção brasileira de 1978: ao lado, Fernanda Montenegro com os operários de "Tudo Bem", de Arnaldo Jabor. Embaixo, à esquerda, a cena da morte de José (Hugo Carvana) que dá título ao filme de Ruy Guerra e Nélson Xavier "A Queda"; Ney Latorraca como "Anchieta, José do Brasil", de Paulo César Sarraceni. À direita, Antônio Fagundes, um dos ferroviários de "Doramundo", de João Batista de Andrade





continuação da página 74

que fizemos esses filmes feios e tristes, que a fome não será curada pelos planejamentos de gabinete e que os remendos do tecnicolor não escondem, mas agravam seus tumores". Mais: "O cinema novo se marginaliza da indústria porque o compromisso do cinema industrial é com a mentira e com a exploração".

Mercado é cultura? — Nada pode ser mais contrário a essa idéia que um artigo de Gustavo Dahl, o diretor de "O Bravo Guerreiro" (1968), filme político fartamente aclamado pelos críticos e totalmente ignorado pelo público, publicado no número de janeiro-fevereiro de 1977 da revista *Cultura*. Hoje superintendente da Comercialização da Embrafilme, Dahl resume esplendidamente sua posição já no título do artigo — "Mercado É Cultura". Assim, torna-se tentador classificar o Glauber de então como o artista incorruptível e o Dahl de hoje — e, por extensão, todo o projeto atual da Embrafilme — como porta-voz da filosofia de quem deseja reduzir o cinema a um simples balcão de vendas. Mas as coisas não são bem assim. Hoje, o cinema no Brasil é encarado de modo bastante mais realista que no tempo do cinema novo. Como atividade de superestrutura fica impossível pensar no cinema desvinculado de amplos recursos. Ter o filme pronto é apenas parte de um processo que só se completa com sua adequada distribuição e exibição nas melhores condições possíveis. Distribuir e exibir, por sua vez, exigem uma permanente fiscalização — e no Brasil não existe empresa privada em condições de desempenhar todas essas funções a contento. Assim, o papel da Embrafilme mostra-se tão decisivo que, se ela deixasse de funcionar — hipótese que a maioria dos cineastas nem gosta de imaginar —, nosso cinema não tardaria a desaparecer.

O certo e o errado — Isso não impede que a política da empresa seja questionada: "A Embrafilme deveria tentar planificar o mercado em função de um leque diversificado de filmes, mas faz o contrário prestigiando apenas um tipo de produção", reclama Glauber Rocha, atualmente na fase de montagem de "Idade da Terra" que, por sinal, recebeu um financiamento de 7 milhões de cruzeiros da própria Embrafilme. Em todo caso, ele garante que aguardou seis meses pelo financiamento, "que só saiu depois de eu falar pessoalmente com o ministro Ney Braga, da Educação". Glauber afirma que vários colegas pensam como ele, mas sentem-se tolhidos em criticar a Embrafilme: "Carlos Diegues sabe que a política da Embrafilme está errada. Nelson Pereira dos Santos, que é um líder da classe, também sabe. Mas não dizem nada".

ANTÔNIO ANDRADE

Glauber filmando "Idade da Terra": "A Embrafilme está errada"

Se é que eles e outros cineastas pensam efetivamente como Glauber — o que de modo algum está assegurado —, haveria bons motivos para aguardarem suas críticas: "Questionar a linha da Embrafilme é uma faca de dois gumes", desabafa Luís Rosemberg, diretor de "Crônica de um Industrial", o único filme brasileiro convidado para participar da mostra competitiva do atual Festival de Cannes — e que não foi por não ter sido liberado pela Censura. "Está inteiramente errado ganhar o público com filmes medíocres e sensacionalistas como 'A Dama do Lotação' ou 'O Cortiço'", argumenta, "mas ao mesmo tempo é preciso pensar que, atacando esses filmes, acabamos por defender interesses do cinema estrangeiro."

O que se quer — De qualquer forma, Gustavo Dahl, apontado pela maioria dos cineastas como o mais provável sucessor de Roberto Farias, não parece nem um pouco abalado com críticas à linha adotada pela Embrafilme. Entretanto, Dahl admite que as medidas oficiais de proteção à indústria determinam uma baixa provisória de qualidade, que mais tarde seria recuperada pela livre concorrência. "Mas isso ocorre em qualquer campo. O importante é saber se queremos ou não uma indústria cinematográfica."

Dificilmente alguém que tenha qualquer tipo de vínculo com o cinema nacional e que esteja em seu perfeito juízo deixará de querer. Mas, por certo, há de querer também que essa indústria mantenha de algum modo o espírito de inquietação crítica que animava os diretores do cinema novo — e que, no final da década de 60, acabaria por levar o governo à criação da Embrafilme, vinculada ao Ministério da Educação.

Um tema incomum — Entre os lançamentos da atual safra da Embrafilme, o filme onde tal preocupação aparece de modo mais claro é "A Queda" (em exibição no Rio) de Ruy Guerra ("Os Cafajestes", "Os Fuzis") e Nelson Xavier. "A Queda" retoma em cores as personagens centrais de "Os Fuzis" de quinze anos atrás (e retoma a tal ponto que algumas cenas daquele filme, em preto e branco, encaixam-se na ação). Logo nos primeiros momentos, José (Hugo Carvana), operário da construção civil, morre de uma queda causada por falta de segurança na obra. Revoltado com o descaso, seu colega, Mário (Nelson Xavier), tenta levar a empresa a cumprir com as obrigações devidas à viúva.

Além do mérito de discutir relações trabalhistas e certas distorções do modelo econômico brasileiro, temas nada comuns em nossas telas, "A Queda" apresenta a alternativa de um sistema de produção altamente econômico para o cinema brasileiro: é o primeiro longa-metragem rodado em 16 milímetros e ampliado para 35 dentro do Brasil. A certa altura, entretanto, impossível evitar a pergunta: trata-se de economia

continua na página 78

continuação da página 76

mesmo ou desleixo? Fica estranho ver Paulo César Pereio, com longas barbas, interpretando um militar — e indesculpável descobrir em outra cena um microfone passando vagarosamente diante da câmara. Pior ainda, compromete o filme o imbatível maniqueísmo que já vai virando tradição entre nossos cineastas. Bom caráter e integridade de propósitos parecem dons exclusivos dos operários, ao passo que todas as personagens situadas mais acima na escala salarial — industriais, advogados e até um mero repórter — agem como criaturas de gélida insensibilidade.

Crimes enfumaçados — Apesar das restrições, "A Queda" transmite uma forte sensação de espontaneidade para o que muito contribui a entrega emocional do elenco. Já "Doramundo", direção de João Batista de Andrade, também em cartaz no Rio, ressente-se de um postiço hieratismo. Baseado em romance de Geraldo Ferraz, ambientado em 1939, passa-se em uma pequena comunidade ferroviária aterrorizada por misteriosos assassínios. Para solucioná-los, os dirigentes da estrada de ferro trazem da capital o "doutor Guizot", delegado célebre por seus métodos violentos. Em pouco tempo, Guizot implanta na cidade clima de terror mais intenso que o gerado pelas próprias mortes levando os ferroviários a desconfiarem uns dos outros e sobretudo a sentirem pavor de passar por um interrogatório. Como diz Raimundo (Antônio Fagundes), um ferroviário da cidade: "O homem está de olho na gente".

O que vem por aí — Tal história permitia a Batista de Andrade escolher entre dois caminhos: um filme policial de alta tensão dramática ou uma parábola sobre sistema social que, escorado na idéia de segurança absoluta, termina por destruir toda forma de liberdade. Infelizmente, Batista de Andrade não chegou a decidir bem o que queria e a impressão final que fica de "Doramundo" é a de uma coleção de imagens estáticas recobertas de neblina e fumaça das locomotivas.

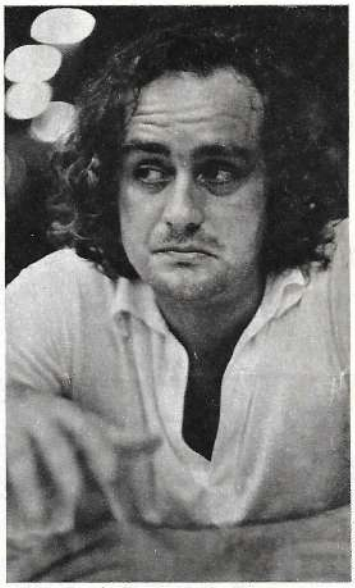
Entre as produções a serem lançadas há toques de tédio e esperanças — e até mesmo de histeria. A mais decepcionante delas é "Anchieta, José do Brasil", de Paulo César Saraceni, com Ney Latorraca no papel-título — outra obra em que o diretor parece não ter chegado a uma conclusão sobre o que pretendia realizar. Ora retórico, ora de um superado tropicalismo, às vezes pretendendo a objetividade do ensaio antropológico, em outras cenas sugerindo um vago panteísmo, "Anchieta" é quase sempre inconvincente — e invariavelmente monótono.

Debruçando-se sobre uma figura histórica mais próxima, o cearense Delmiro Gouveia (1863-1917), o diretor Geraldo Sarno (autor dos documentários "Viramundo" e "O País de São Sarvê") consegue em "Coronel Delmiro Gouveia" resultado bem melhor. Um dos pioneiros da industrialização do nordeste, combatido pelas companhias estrangeiras, Gouveia foi assassinado em circunstâncias até hoje nebulosas. Meticuloso, Geraldo Sarno constrói seu filme como um teorema — e deixa que o espectador tire a conclusão.

No extremo oposto, beirando o surrealismo, encontra-se "Lira do Delírio", de Walter Lima Júnior, que traz o último desempenho de Anecy Rocha, morta em março de 1977. Fantástica crônica da marginalidade carioca, "Lira do Delírio" poderia ser um filme atraente se o diretor e elenco (entre outros, Paulo César Pereio, Cláudio Marzo, Antônio Pedro) não escorregassem tanto pela auto-indulgência: embora representado com selvagem intensidade, ele deixa a impressão de ser um filme feito muito mais para os próprios artistas que para o público.

ANTÔNIO ANDRADE

Dahl: posição inabalável



CHICO NELSON

Jabor: poder de síntese

Reformando a casa — A posição central dentro desta nova safra, no entanto, parece reservada a "Tudo Bem", de Arnaldo Jabor — um filme que tem peso bastante para dar o que falar em rodas que não estejam apenas preocupadas com as questões mercadológicas do cinema.

Ambientado quase inteiramente dentro de um apartamento de classe média de Copacabana, "Tudo Bem" (estréia prevista para agosto) parte de uma proposta ambiciosa: fazer do lugar uma espécie de palco épico para representar contradições sociais. "Quis que elas explodissem na sala de jantar", explica Jabor. O casal Paulo Gracindo-Fernanda Montenegro decide fazer uma ampla reforma em seu apartamento mas logo se percebe que a obra, embora demorada, é apenas superficial. À medida que os operários raspam e pintam as paredes, agravam-se os verdadeiros problemas da família. Marido e mulher comunicam-se cada vez menos, a filha adolescente tenta contar à mãe — que simplesmente não a escuta — o aborto que praticou, o filho revela-se um jovem amoral que faz carreira por meio de manobras desleais.

Igualmente problemático é o relacionamento da família com o mundo exterior — sintetizado por operários, vizinhos e os convidados da colossal festa com que se comemora o fim das reformas. As intenções críticas do roteiro (de Jabor e Leopoldo Serran) poderiam reduzir "Tudo Bem" a uma coleção de metáforas e abstrações — armadilha que Jabor sabe evitar, criando um magnífico retrato da classe média urbana com suas angústias e perplexidades. Filmado em quatro semanas num apartamento da rua Sá Ferreira, em Copacabana, "Tudo Bem" não desponta apenas como o melhor filme brasileiro das últimas temporadas: mais que isso, ele representa uma síntese importantíssima no momento atual do cinema brasileiro, como a primeira obra da era Embrafilme que retoma plenamente a energia criadora do cinema novo. ● JAIRO ARCO E FLEXA